

## Revolução Industrial

---

### O Conflito entre o Estado e a Burguesia

O que, antes, era uma união entre Burgueses e Nobres, agora, já atravancava o ritmo do comércio burguês europeu: as companhias estatais de comércio tinham grandes vantagens e benefícios, em relação aos negócios burgueses. No século XVIII, as vantagens do Estado eram grandes e sua regulação na economia crescia, isso fez com que insurgisse um movimento denominado “Fisiocratismo” que, pela própria semântica, podemos perceber que primava por deixar a economia agir naturalmente, sem intervenções, o mundo anda por si próprio, basta darmos liberdade. Esse movimento buscava a retirada do poder do Estado sobre a economia, através da prática do “*laissez faire*” (deixar fazer). Todo tipo de controle ou barreira era mal visto, qualquer participação ou intervenção do Estado era criticada.

Outro movimento que merece destaque, na formação do Capitalismo, é o Liberalismo, que busca elaborar práticas e teorias que preconizem a liberdade de comércio. O Liberalismo (influenciado pelo Fisiocratismo), também, criticava o Mercantilismo: a intervenção do Estado era duramente discutida e havia a busca da liberdade nos atos econômicos, bem como na concorrência, no câmbio e nos contratos. Era aclamada a defesa da propriedade privada. O trabalho não produtivo era visto como algo não bom, já que isso não aumentava a riqueza; a questão dos salários, lucros e renda da terra começou a ser debatida mais fervorosamente nessa época. A economia voltada basicamente ao dinheiro começava a fazer-se preponderante, o Capitalismo estava lançando suas bases, e uma sociedade que buscava em tudo, em cada ato ou objeto, o valor econômico, iniciava sua marcha.

É interessante observar a mudança do Mercantilismo para esse momento de início da Revolução Industrial, a parceria entre Burguesia e Nobreza parece estar no seu fim, o que, antes, era vantajoso para a burguesia, tornou-se, agora, um impeditivo. A Burguesia utilizou a Nobreza para enriquecer e ganhar poder, porém, agora, já via o Estado como um entrave (o poder não vê limites, é algo que tende a crescer). Os abusos do Estado Absolutista ajudaram, também, para que a Nobreza fosse criticada. A Burguesia precisava deter o poder máximo, necessitava disso para não ter limites nos seus lucros e assim poder enriquecer constantemente e sem limites (ler sobre a Revolução Francesa, para mais informações).

Podemos fazer relações entre esse momento da história e a atual situação que vivemos, momento em que as empresas não têm quem impeça suas expansões e seus

lucros, o Estado Mínimo, que aparece na Revolução Francesa, prega por essa intervenção quase nula do Estado. No Estado mínimo, o Estado arca, apenas, com o ônus social e a prestação de serviços, os lucros são as empresas que garantem, ficando com o bônus social. Podemos ver isso, atualmente, quando empresas com poder decisório pressionam governos em busca de regalias e isenções fiscais. A empresa transnacional não respeita fronteiras nem culturas, ela avança e escolhe o local e a mão-de-obra que deseja. A empresa vale-se da opinião pública e da mídia para pressionar os governos, logo, não aceitar uma empresa é motivo de crítica ao governante, pois, ele mandou embora muitos empregos e produtos que a sociedade necessita. Frente à fragilidade do Estado, os governos ficam em situação delicada, pois, muitas vezes, detêm menos capital, logo, menos poder do que a empresa (isso em âmbito global), ficando difícil a possibilidade de diálogo, sendo gerada uma situação desigual de relações entre Estado e Empresa.

O Mercado Global pretende essa participação mínima do Estado e as empresas determinando suas próprias leis. As empresas alteram muito as leis trabalhistas, mudam as formas de vínculo empregatício: hoje existem várias modalidades de trabalho, muitas sem carteira assinada e com poucos direitos, como o trabalhadores temporários, por exemplo. Essa pouca presença do Estado tem sido verificada na questão dos serviços públicos: saúde, segurança e educação nunca pareceram tão caóticas, uma vez que todos esses campos viraram negócio e geram lucros, é interessante que o Estado se abstenha. A empresa encontra mecanismos de burlar as leis, como uma corporação estrangeira que se instala em determinado país subdesenvolvido e passa a poluir, pois, sabe que a legislação ambiental é frágil. Nesses assuntos debatidos, o Estado encontra-se nas mãos das corporações privadas, pois os mecanismos de repressão e controle lhes foram retirados.

### Desenvolvimento Técnico

Percebendo que, quanto mais produtos tivessem à mão para vender, mais aumentariam suas riquezas, os comerciantes confabulavam métodos para maximizar a produção, uma vez que a manufatura (produção padronizada, pode ser à mão ou por máquina) da época não havia se diversificado muito, em relação a do período feudal, que era utilizada apenas para subsistência. A máquina surge dessa pressão do comércio e da necessidade de gerar riquezas e, como o esperado, correspondeu às expectativas, pois mudou a história da produção, incidindo na vida da sociedade.

A Inglaterra foi uma das pioneiras no assunto “industrialização”: possuía recursos oriundos da exploração colonial, um governo aliado à Burguesia, uma boa quantidade de rebanho de ovelhas (lã para a indústria têxtil), leis favoráveis ao Liberalismo e carvão para aquecer as primeiras máquinas. Nesse sentido, observa-se a intersecção da Geografia e da História: um momento com determinados acontecimentos (História), somado a um lugar com os recursos necessários e características propícias (Geografia), apresenta como resultado um panorama que condiciona o acontecimento que fica gravado na história das sociedades e no espaço geográfico.

Algumas mudanças geográficas se fizeram sentir. Começando, no espaço de trabalho, a casa (oficina artesanal) não era mais o local de trabalho, e, sim, a indústria, isso faz com a morfologia da cidade mude: vias de acesso a empresas e liberação de grandes espaços para construção de indústrias. Os costumes também mudam: antes grande parte do período era vivido em casa, após isso, a indústria é o segundo lar (quando não o primeiro, sabendo-se da exploração nas horas de trabalho da época). O trabalhador não era mais o centro da produção, agora a máquina é que centraliza e o trabalhador é mais uma ferramenta, uma parte do processo. Enquanto era artesão, o trabalhador via o resultado de seu trabalho, participava de todos os processos de produção; mas com a introdução do regime de produção por setores, o trabalhador fazia apenas uma função, era parte do processo. Esse tipo de prática fez com que a complexidade técnica do trabalho, de cada indivíduo, decaísse cada vez mais.

Com a popularização da circulação de moedas, os trabalhadores passaram a receber salários e a dedicar-se somente a uma função e, cada vez mais, isso se foi confirmando, pois os trabalhadores acabavam vendendo seu trabalho e podiam comprar produtos de outros. Assim cada um se dedicava a uma função, recebiam por isso, e compravam produtos de outros, logo, a economia girava. Esse processo mudou a forma antiga de sociedade, onde o trabalho era diverso, pois deveria suprir necessidades diversas da família, como vestir e comer. A partir da Revolução Industrial, buscou-se a possibilidade para que esses produtos pudessem ser comprados e vendidos. A expansão do comércio obrigava cada vez mais o aumento da produção, as indústrias passaram a planejar sistemas produtivos cada vez mais complexos, agora um trabalhador não produzia mais um produto, mas uma parte dele, ele não era mais o produtor, era parte da produção.

Trazendo para os dias atuais, podemos perceber, cada vez mais, a banalização das funções; cada vez mais, o serviço é especializado, estamos na Era do especialista (do “expert”); as áreas, cada vez mais, se repartem em funções e quem não possui um conhecimento específico encontra dificuldades para trabalhar, restando-lhe funções de

baixíssimo salário e pequena complexidade técnica. Como exemplo, poderíamos citar os homens-placa, que apenas precisam ficar parados em pé, em uma situação incômoda, servindo de base ao anúncio e recebendo salários baixos por isso. Essas alterações se refletem no fato do trabalhador necessitar cada vez mais da indústria, ele já não pode competir, pois, sem o restante do processo, nada sabe fazer, ele não é mais o dono da produção, é o braço da indústria.

### Indústria, Ciência e Sociedade

O objetivo, quando implantaram as máquinas na produção, era produzir mais, em uma velocidade que ultrapassasse a produção apenas feita por mão humana. O desenvolvimento da ciência e das técnicas foi crucial para ajudar a indústria a evoluir em produção: primeiro, o racionalismo, com a separação dos estudos entre matéria e espírito, buscando a verdade, a partir da razão; e, posteriormente, o positivismo, com doutrinas pautadas na razão e na elaboração de sistemas rígidos e de leis gerais, nos séculos XVIII, XIX e XX. Essas correntes de pensamento buscavam a verdade e a praticidade, sempre primando pela evolução técnica da sociedade. Essa será a tônica sentida no século XX, a modernidade do período industrial fordista, pautada na extrema divisão das funções dentro de uma indústria, calculando cada milímetro de matéria gasta e cada gota de suor do funcionário, atrás de lucros da produção. O fordismo, baseado em um sistema rígido de administração do setor produtivo, buscava regras exatas que aumentassem a produção, a velocidade dessa produção e a redução de custos. O século XX também foi o século da evolução, do progresso, do projeto de futuro, tanto que, ao fim do período fordista, esses preceitos apresentarão uma queda e, em seu lugar, virá a Era da Informação e a “sociedade do agora”, da propaganda, da tecnologia, dos prazeres fáceis, isso por volta da década de 1970. A pós-modernidade, que ocorre após o período fordista, é a época em que o lucro é obtido de diferentes formas, não está tão pautado na produção industrial e no salário do funcionário, existem outros mecanismos de obtenção: publicidade, especulação etc.

A difusão dos produtos europeus pela Europa e pela Ásia, obrigou o aumento da produção, e era muito difícil concorrer com os produtos têxteis asiáticos, tamanha era a habilidade manual dos orientais. Nesse âmbito, se fazem importantes a invenção da máquina de tecer e o desenvolvimento da tecnologia da máquina a vapor. Essas duas descobertas revolucionam a produção e fizeram o europeu dominar o mercado e mudar toda sua estrutura social, que se organizou, ainda mais, em função do trabalho industrial.

No início das indústrias, a produtividade estava mais vinculada às longas jornadas de trabalho do que ao maquinário (podiam chegar a 18 horas diárias). A indústria foi o espaço onde o trabalhador poderia ser melhor controlado, para gerar mais produtividade, uma vez que, estavam reunidos em um mesmo lugar.

O resultado da Revolução Industrial foi uma série de desempregados: a máquina tirou o lugar de muitos e os que tentavam voltar a serem artesãos não conseguiam competir no mercado, a indústria produzia mais, em menos tempo, o que permitia que os donos de empresas baixassem seus preços, quebrando as oficinas. Os que trabalhavam na indústria tinham uma vida péssima, com muito trabalho e salários miseráveis. Isso promoveu a revolta de muitos trabalhadores que, em muitos momentos, invadiram as indústrias e quebraram as máquinas, mas as revoltas eram sempre abafadas, assim sendo, o desenvolvimento técnico, a propriedade privada, a indústria e o Capitalismo cresceram ainda mais.

Nessa perspectiva de visão que contemple muitos aspectos da vida, a necessidade do momento força o desenvolvimento de dada tecnologia, que só pode ser desenvolvida conforme o conhecimento técnico e intelectual de dado período histórico. Tem-se, a partir disso, uma relação entre quantidade de conhecimentos adquiridos e momento histórico, isso é que vai determinar o desenvolvimento técnico de dada sociedade. As mudanças que ocorrem nos campos científico e econômico mudam a vida da sociedade, pois ela vai passar a se adaptar a essa nova realidade, uma vez que a ciência contribui para a forma com a qual a sociedade observa o Mundo, enquanto a economia baliza a própria atividade diária de cada indivíduo da sociedade. Sociedade, economia e ciência estão unidas em uma só realidade.